

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

RESUMO DE TESE E DISSERTAÇÃO

A FLUIDEZ DAS PAISAGENS: ARQUEOLOGIA NA CONFLUÊNCIA DOS RIOS PARNAÍBA E POTI

Danielle Gomes Samia*

Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento**

Todo rio corre de montante à jusante, num fluxo constante e unidirecional. Pelo menos podemos dizer isto de suas águas, mas apenas de suas águas, pois um rio é muito mais que um fenômeno unidirecional. As coisas do rio (animais/pessoas, plantas, moléculas, átomos, partículas) se movem pelo rio em ambas as direções. Um rio, portanto, pode ser bidirecional, mas também multidirecional, já que como fenômeno se expande para muito além do bidirecional contido em duas margens. Assim, olhar a junção de dois rios nos permite ver convergências na sua confluência de montante à jusante, mas também nos leva a entender divergências na sua disjunção acima e abaixo. Para quem navega sempre rio abaixo, só resta seguir o fluxo... Ou sair dele. Para quem enfrenta a corrente rio acima, sempre terá de escolher o caminho nas confluências/disjunções. E assim me posiciono contra a corrente, mas também saindo do rio ou mergulhando nele, buscando mais caminhos do que simplesmente seguir a corrente

Rumo à montante, nas últimas décadas, a arqueologia tem repensado sua prática e seu comprometimento com as pesquisas narrativas, considerando múltiplas epistemologias e a decolonialidade, priorizando, dessa forma, o suleamento, como sugere o filósofo Boaventura de Souza Santos (2014). Entendo que tais questões possam ser mais bem compreendidas com as abordagens da Arqueologia do Fluxo, proposta por Matt Edgeworth (2011), e da Arqueologia Reflexiva, desenvolvida por Ian Hodder (1982, 1991, 1997, 2003, 2012), que, apesar de serem orientadas por ontologias europeias, foram deglutidas pela antropofagia científica, sendo pautadas por metodologias ativas conforme pressupostos freirianos, considerando a autonomia, persistência e hibridismo.

Com intuito de compreender o fluxo de ocupação humana na confluência dos rios Parnaíba e Poti, dissertei sobre a fluidez das paisagens na confluência, através do desenvolvimento de uma história profunda, considerando a cronoespacialidade desde o pleistoceno até o presente.

* Mestra em Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: samiadgs@gmail.com/samiadgs@ufpi.edu.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8983-4356>

** Doutora em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: analage@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6953-4065>

A abordagem teórica vinculada ao projeto está subsidiada pela reflexividade e a Arqueologia do Fluxo, as quais me permitem emaranhar minhas concepções de Humanidades Digitais (HD) e inspirações nas concepções relativas à Virada Espacial. A Arqueologia do Fluxo e parte das Humanidades Digitais possuem uma relação em comum à Teoria Ator-Rede (TAR), desenvolvida por Bruno Latour no final do século XX. A TAR se afasta da tentativa de separar o artificial do natural, o humano do não-humano, considerando-os inexoravelmente emaranhados.

O objetivo é compreender a fluidez da ocupação humana na confluência dos rios Parnaíba e Poti do período pré-colonial até o presente. Entenda a fluidez como uma metáfora perpetrada pelas capacidades de consistência, continuidade, condutividade, transformação e conectividade, repensando a nossa percepção sobre lugares, paisagens e naturezas nos levando a um entendimento mais dinâmico e fluido, escopo da arqueologia do fluxo desenvolvida por Matt Edgeworth (2011).

Deste modo, a partir do princípio da simetria, busco o emaranhamento e me afastar dos dualismos (humano e não-humano) (MENESES, 2015; EDGEWORTH, 2008, 2011; LATOUR, 2009). E, quando conjugo a TAR com a concepção de materialidade de Ingold (2007), consigo sustentar a noção de que a Arqueologia do Fluxo contempla o rio como um artefato (EDGEWORTH, 2008, 2011). A Arqueologia do Fluxo articula métodos da arqueologia com os de outras disciplinas das humanidades e com as geociências.

No escopo das Humanidades Digitais, o mapeamento profundo ganha destaque sob a luz da virada espacial, que propõe o espaço com nova conceitualização: o abandono do conceito de espaço absoluto ou cartesiano e a afirmação de um conceito relativo que considera outros processos e fenômenos, particularmente as interações de escala (EARLEY-SPADONI, 2017; EARLEY-SPADONI; HARROWER, 2020). O mapeamento profundo é uma prática emergente na academia, que associa história, geografia e cartografia e repele a concepção euclidiana e reducionista erroneamente vinculada aos usuários de Sistemas de Informação Geográfica (SIG). O conceito de mapeamento profundo alinha-se a uma concepção consorciada a ferramentas. A imbricação da estética, metodologia e ideologia permite uma abordagem “do lugar” que procura democratizar o conhecimento ao cruzar as fronteiras temporais, espaciais e disciplinares. Apesar dos SIG integrarem as práticas da pesquisa arqueológica desde a década de 1980, ainda perdura a ausência de abordagens críticas associadas a eles. É necessário desestimular a condição opcional incorporada em muitos trabalhos relacionados aos SIG para se tornarem *sine qua non*.

A condição funcionalista em alguns trabalhos tem demonstrado a apropriação demagógica de abordagens pós-coloniais, com a intenção de frear a desmineralização dos dogmas da arqueologia tradicional eurocêntrica e a inclusão da multivocalidade como premissa de pesquisa, buscando por uma arqueologia mais humanizada e inclusiva. Assim, se encaixa a máxima de Orwell, no épico 1984, “quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado”: maneira de garantir a manutenção do discurso colonizador, cometendo delitos de apropriação intelectual para persuadir.

Destarte, é urgente a compreensão do tempo e do espaço, sendo crucial nos estudos arqueológicos e revelando a pluriontologia. Abordagens arraigadas em perspectivas progressivas, baseadas em estágios lineares de desenvolvimento, impõem a percepção de que os objetos (coisas e artefatos) não são inerentes no espaço tempo. Esta percepção desvincula a relação das pessoas com os objetos através dos tempos até a contemporaneidade, desconsiderando os caminhos alternativos e as agências de povos originários e das comunidades tradicionais no passado. Essa problemática leva a questionar as interações desconexas, desvinculadas e hegemônicas abordadas até o momento na confluência. No entanto, a abordagem da fluidez arqueológica e da reflexividade conduziu esta pesquisa a considerar que a relação causal no registro arqueológico corrobora com a percepção de novas materialidades como agente, portanto não ancorados em algum lugar no tempo. Assim, quando restringe o olhar ao antropocêntrico, anula-se a compreensão da poliagentividade, aceção que vislumbra os humanos como mais um agente.

No que tange aos resultados obtidos na dissertação, foram apresentados o levantamento e estudo de quarenta sítios arqueológicos correlacionados aos eventos de ocupação humana na confluência e considerando os dados em perspectiva decolonial e crítica à historiografia positivista, a fim de compreender o fluxo de ocupação humana na “Confluência” e suas relações com as paisagens.

Partindo de uma construção normativa, considerei quatro panoramas ocupacionais gerais que coexistiram cumulativamente, sendo que a transição de um sistema para outro não ocorreu automaticamente, mas de forma complexa e demorada para ganhar os contornos que conhecemos hoje. São eles: (1) “caçadores-coletores” relacionados aos sítios com presença de artefatos líticos; (2) “agricultores” vinculados aos sítios denominados de “litocerâmicos”, (3) “grafismos rupestres”; (4) “mercantil” marcado pela inserção no comércio Atlântico, que contempla o colonialismo europeu, as interações entre pessoas indígenas, africanas e europeias e suas implicações na contemporaneidade. A análise do fluxo normativo de eventos na “Confluência” resultou na interpretação do fluxo de ocupação humana associada aos eventos arqueológicos ali identificados e à fluidez das paisagens.

Como interpretação, os rios seriam forças centralizadoras da ocupação humana na confluência, como afluentes contínuos e persistentes, demonstrados pelo registro arqueológico da área de estudo. Perante o pequeno número de pesquisas arqueológicas, documental e histórica existentes na área, a identificação dos sítios arqueológicos vem preenchendo as lacunas sobre a ocupação. Porém, este tipo de registro é apenas um, sendo necessário considerar os dados históricos e as memórias presentes atualmente na comunidade para compreender outros temas de interesse da arqueologia.

Associada ao mapeamento profundo, produziu-se uma narrativa crítica da confluência, permeada pelos rios. A condução desta narrativa está representada na dinamicidade do Story Maps, plataforma desenvolvida pela ERSI¹, que possibilita combinar mapas e história na construção de narrativas dinâmicas e interativas. A produção deste conteúdo, com linguagem mais aprazível e acessível, permite percorrer o fluxo de ocupação humana na confluência dos rios Parnaíba e Poti, contemplando a história profunda desta região.

A narrativa multissecular, conduzida à luz da virada ontológica do espaço e de lugares de persistência dos povos originários e tradicionais, conduz a história profunda da confluência questionando a reprodução do que se considera como bem patrimonial na perspectiva legislativa, processual e cartesiana, defendendo a valorização da memória, num resgate da ancestralidade e identidade. Quando questionamos a condição paternalista de alguns pesquisadores, que propagam o “sucesso” do colonialismo no Piauí, estes reforçam o ideário hegemônico de apagamento dos grupos subalternizados. Para confortar este ideário, o resultado primordial desta pesquisa foi justamente suscitar que esta política de apagamento e silenciamento ocorreu, mas, diante disso, os arranjos políticos entre os grupos que ocuparam estas paisagens persistiram. A investida colonial, reconhecida pela catastrófica inabilidade de conhecimento dos espaços, tinha apoio dos indígenas e suas cosmologias para o sucesso de suas investidas. Ao compreender que a invenção do território piauiense está engendrada na resistência e persistência dos grupos originários e tradicionais, foram interpretadas as nuances das documentações históricas e da historiografia, severamente narrada pela estrutura positivista heteronormativa orientada pela ontologia europeia.

A produção da contranarrativa da confluência detectou a necessidade de aprofundamento da pesquisa por haver alguns fluxos interrompidos diante das inconsistências historiográficas e da ausência de estudos aprofundados sobre as fontes primárias. Um longo processo de escavação documental e análise trouxe resultados profícuos, contribuindo com a história profunda da confluência. Como romances, algumas narrativas ainda precisam ser desenroladas para a produção de contranarrativas decoloniais. O pressuposto da resistência indígena na confluência indica uma bem engendrada política

¹ <https://arcg.is/IKT0ij2>

de negociação entre os grupos que ali permaneceram. Portanto, minha caminhada se deu por um longo processo de estudos do território da confluência.

Rio acima, naveguei rumo à (des)construção da ontologia europeia no discurso da invenção do Piauí, assim compreendendo que a hegemonia do tradicionalismo epistêmico se fundamentou na dicotomia, cartesianismo e funcionalismo para ter aderência. Neste ponto, é salutar resgatar a compreensão da epistemologia e ontologia, definições sem contorno na atualidade. Para melhor definição, a epistemologia é como a teoria do conhecimento embutida na perspectiva teórica e na metodologia, proporcionando a forma de compreender e explicar como sabemos, logo, o que sabemos. Também é descrita como a tática pela qual uma teoria agrupa conhecimento e realiza a leitura dos fenômenos, sendo mais bem aplicada do que outras teorias antagônicas. Já a ontologia possui diversos significados, sendo mais comum a visão sustentada pela teoria sobre uma perspectiva particular de ser. Logo, ontologia compõe as crenças sobre a realidade de um grupo (coletivo, comunidade, povo), portanto, sua construção cultural. Ou, ainda, a integração deste grupo com a realidade diante das interações ontológicas, sendo necessário averiguar a aplicabilidade das teorias aderidas e seu posicionamento.

Na “descoberta” proferida pela historiografia positivista, o epistemicídio incide e confabula com a violência epistêmica engendrada pela ideologia da “pré-história”, que se restringe nas descrições e no tecnicismo, apostando num discurso demagogo para justificar a manutenção da hegemonia. Na prática, engendrada no autoritarismo, se apropria de interpretações pós-modernas para enublar o discurso autoritário. Não compreende a simetria, permanece no simulacro, reduzindo e elucubrando modelos atípicos da vida real, garantindo a preservação do conservadorismo. A ênfase nas dicotômicas demonstra a inabilidade de entender tudo a partir de uma caixa preta (SAMIA, 2021b, a).

A reprodução desta narrativa reverbera na construção da história sobre o “devassamento do Piauí”, encravando a construção ontológica eurocentrada, que preconiza a dizimação e apagamento das populações originárias no processo de colonização do Piauí. A ausência de documentação histórica que reforça a afirmativa de Pereira de Alencastre leva a considerar a necessidade de criar o mito do herói patriarcal e da dizimação dos grupos nesta região, reverberando a construção histórica de extermínio das populações indígenas no Piauí, como também a manutenção do discurso do extermínio de seus grupos indígenas, contribuindo com o apagamento e silenciamento das comunidades subalternizadas.

Porém, na realidade, ao perfazer o ciclo narrativo aqui descrito, percebo que o fluxo do passado não cessa. O lugar, a confluência, a ocupação humana expressa em sua sociedade que são oriundas, construídas e vivificadas pela pluriontologia. Esta última gestada no fluxo das vidas humanas que coexistem no passado-presente-futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A identidade da arqueologia brasileira. *Estudos Avancados*, v. 29, n. 83, p. 19-23, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introduction: Creating a Distance in Relation to Western-centric Political Imagination and Critical Theory. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: Justice against Epistemicide*. New York (USA): Routledge, 2014. p. 38-79.

EARLEY-SPADONI, Tiffany. Spatial History, Deep Mapping and Digital Storytelling: Archaeology's Future Imagined through an Engagement with the Digital Humanities. *Journal of Archaeological Science*, v. 84, p. 95-102, 2017.

EARLEY-SPADONI, Tiffany; HARROWER, Michael James. Spatial Archaeology: Mapping the Ancient Past with the Humanities and the Sciences. *International Journal of Humanities and Arts Computing*, v. 14, n. 1-2, p. 176-196, 2020.

EDGEWORTH, Matt. *Fluid Pasts: Archaeology of Flow*. London (UK): Bristol Classical Press, 2011.

- EDGEWORTH, Matt. Rivers as Artifacts. *Archeolog*, 3 Apr. 2008. Disponível em: <https://web.stanford.edu/group/archaeolog/cgi-bin/archaeolog/2008/04/03/rivers-as-artifacts/>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- HODDER, Ian. "Always momentary, fluid and flexible": Towards a Reflexive Excavation Methodology. *Antiquity*, v. 71, n. 273, p. 691-700, 1997.
- HODDER, Ian. Archaeological reflexivity and the "local" voice. *Anthropological Quarterly*, v. 76, n. 1, p. 55-69, 2003.
- HODDER, Ian. *Entangled: An Archaeology of the Relationships Between Humans and Things*. Chichester (UK): Wiley-Blackwell, 2012.
- HODDER, Ian. Interpretive Archaeology and Its Role. *American Antiquity*, v. 56, n. 1, p. 7-18, 1991.
- HODDER, Ian. *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. New York (USA): Cambridge University Press, 1982.
- INGOLD, Tim. Materials against materiality. *Archaeological Dialogues*, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2007.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.
- SAMIA, Danielle Gomes. Arqueologia pedagógica. *Revista Arqueologia Pública*, v. 16, n. 2, p. 179-195, 2021a.
- SAMIA, Danielle Gomes. Usuários intuitivos: práxis cartográfica na arqueologia. In: NETTO, Carlos Xavier de Azevedo; VAN HAVRE, Grégoire (orgs.). *De Ingá à arqueologia inclusiva: novas linguagens arqueologia e humanidades digitais*. João Pessoa: NDIHR-UFPB, 2021b. p. 14-45.

Palavras-chave: arqueologia; confluência dos rios Parnaíba e Poti; mapeamento profundo; decolonialidade.